

luzes do norte

nora roberts

Tradução de Carla Ferraz

Este livro não segue as normas do novo Acordo Ortográfico

*Ao meu precioso Logan, filho do meu filho.
A vida será a tua caixinha de jóias,
repleta de risos cintilantes,
do brilho da aventura, do resplendor da
descoberta, da visão da magia. E
que por todos estes tesouros jorre
a centelha eterna do amor.*

ESCURIDÃO

*Terminai, bela senhora; a luz do dia chegou,
E nós somos da escuridão.*

William Shakespeare

*Oh, escuridão, escuridão, escuridão, pela chama do meio-dia
Escuridão inegável, eclipse total
Na esperança perdida do dia!*

John Milton

Prólogo

Entrada de Diário — 12 de Fevereiro de 1988

Aterrei no Glaciar do Sol por volta do meio-dia. O voo despertou-me completamente da ressaca, e cortou bem rente as raízes da realidade do mundo que ficou lá em baixo. O céu está limpo, como cristal azul. Uma espécie de céu retratado em postais para atrair turistas, adornado com um halo colorido e brilhante em redor do sol frio e esbranquiçado. Vejo-o como um sinal de que era imperativo fazer esta escalada. O vento sopra a cerca de dez nós. A temperatura ronda os dez abaixo de zero. O Glaciar é enorme como o rabo de *Madame Kate*, e tão gelado como o seu coração.

Apesar disso, Kate deu-nos uma bela despedida na noite passada. Até nos arranjou uma tarifa de grupo.

Não faço ideia o que raio é que estamos aqui a fazer, excepto que temos de ir a algum lado, fazer qualquer coisa. Uma escalada de Inverno em Nenhures é tão boa como qualquer outra, e melhor do que a maioria das que já fiz.

De vez em quando, um homem precisa de uma semana de aventura, aventura essa que exclua bebida rasca e mulheres fáceis. Como podemos apreciar a bebida e as mulheres se não nos afastarmos delas de vez em quando?

E dar de caras com alguns amigos Lunáticos não só virou a minha sorte ao jogo, como mudou completamente a minha disposição. Não me estimula muito, trabalhar todos os dias pelo sustento, como todos os ratos da engrenagem, mas estar com uma mulher toca todos os pontos certos.

O meu golpe de sorte pode satisfazer as meninas, mas agora vou tirar uns dias só para mim e o pessoal.

Subir contra os elementos, arriscar a vida e a pele na companhia de outros homens com o mesmo grau de loucura é algo que tenho de fazer, só para me lembrar que estou vivo. Fazê-lo não por dinheiro, por obrigação, ou porque uma mulher insiste comigo até ficar roxo, mas só pela idiotice pura, é o que mantém os espíritos elevados.

Lá em baixo começa a faltar espaço. As estradas vão onde dantes não chegavam, as pessoas vivem onde nunca ousaram viver. Quando cheguei aqui, não havia tanta gente, e as bestas dos federais não controlavam tudo.

Permissão para escalar? Para passear numa montanha? Que se lixem,

e que se lixem os cabrões dos federais, mais as suas regras e papeladas. As montanhas já ali estavam muito antes de algum burocrata do governo pensar numa forma de ganhar uns trocos com elas. E vão ficar ali muito depois de ele andar a passar fita vermelha no Inferno.

E aqui estou eu agora, nesta terra que não pertence a ninguém. É assim com o solo sagrado.

Se houvesse uma forma de viver na montanha, plantava lá a minha tenda, e nunca sairia de lá. Mas sagrada ou não, a montanha mata-nos, mais depressa do que um corte profundo, e sem qualquer piedade.

Portanto, eu aproveito a minha semana, na companhia de homens com os mesmos ideais, escalo o pico que não tem nome e que se eleva sobre a cidade, o rio e os lagos, transpondo as barreiras que os federais impuseram na terra, contrariando as suas tentativas ridículas de a domar e conservar.

O Alasca só pertence a si próprio, por mais sinais de trânsito ou regras que sejam erigidos sobre ele. É como a última das mulheres selvagens, e Deus ama-a por isso. Eu amo.

Montámos o nosso acampamento base, e o Sol já caiu atrás dos grandes picos, mergulhando-nos a todos na escuridão do Inverno. Encolhidos na tenda, comemos bem, passamos um charro e falamos sobre amanhã.

Amanhã escalamos.

1.

A caminho de Lunacy — 28 de Dezembro de 2004

Apertado numa lata de sardinhas, a que irrisoriamente deram o nome de avião, que subia aos solavancos pelo ar turbulento, penetrando na minúscula janela de luz que era o Inverno, atravessando picos e brechas de montanhas cobertas de neve, na direcção de uma vila chamada Lunacy, Ignatious Burke teve uma epifania.

Não estava assim tão preparado para morrer quanto pensara.

Era algo extraordinário, perceber que o seu destino se encontrava preso, de forma precária, nas mãos de um estranho que se encontrava soterrado debaixo de uma parca amarelo-canário, com o rosto quase todo tapado por um chapéu de couro gasto, empoleirado em cima de um boné de vigia roxo.

O estranho parecera suficientemente competente em Anchorage, e dera um aperto de mão sincero a Nate antes de aprovar a descolagem daquela lata de sardinhas com hélices.

Depois, dissera a Nate para lhe «chamar Bruto». Foi aí que o desconforto inicial se instalou.

Que espécie de idiota entrava numa lata voadora pilotada por um tipo chamado Bruto?

Mas voar era o único meio seguro de chegar a Lunacy naquela altura do ano. Pelo menos, fora o que a Presidente da Câmara Hopp lhe dissera, quando tratou dos pormenores da viagem.

O avião mergulhava com força para a direita, e à medida que o estômago de Nate o acompanhava, perguntava-se qual seria a definição de *seguro* para a Presidente da Câmara Hopp.

Pensara que não queria saber, de uma forma ou de outra. Viver ou morrer, o que é que isso importava no grande plano? Ao entrar no grande avião comercial em Baltimore, Washington, já se havia resignado de que ia a caminho do fim da sua vida.

O psiquiatra do departamento avisara-o de que não devia tomar decisões importantes num estado de depressão, mas ele candidatara-se ao lugar de Comandante da polícia em Lunacy apenas porque o nome lhe parecia adequado.

E aceitara o cargo com um encolher de ombros que transparecia «estou-me nas tintas».

Até agora, moído de náuseas, a tremer da epifania que tivera, Nate percebia que não era tanto a morte que o preocupava, mas a forma de morrer. Não queria acabar de vez esmagado contra uma montanha naquela escuridão de merda.

Se pelo menos tivesse ficado em Baltimore, a cultivar uma relação mais afável com o psiquiatra e o chefe, teria continuado no activo. Não seria assim tão mau.

Mas não, atirara com o distintivo e não se limitara a queimar a patente, mas a incinerá-la. Agora ia acabar uma nódoa algures no Território do Alasca.

— Vai custar um bocadinho a passar por ali, — disse Bruto, com um sotaque arrastado do Texas.

Nate engoliu em seco. — Quer dizer que até agora tem sido fácil.

Bruto sorriu, piscando o olho. — Isto não é nada. Devia tentar voar com vento de proa.

— Não, obrigado. Ainda falta muito?

— Nem por isso.

O avião inclinou-se e estremeceu. Nate cedeu e fechou os olhos. Rezou para não sofrer a humilhação de vomitar para cima das botas, antes de morrer.

Nunca mais haveria de entrar num avião. Se sobrevivesse, sairia do Alasca de carro. Ou a pé. A rastejar. Mas nunca mais ia voar na vida.

O avião sacudiu-se num salto, que obrigou Nate a arregalar os olhos.

E viu pela janela a vitória triunfante do Sol, um ténue assombro cintilante que dava ao céu uma tonalidade pérola, de modo a que o mundo, lá em baixo, se encontrava definido em longas pregas brancas e azuis, elevações abruptas, enxames brilhantes de lagos gelados e o que seriam quilómetros de árvores salpicadas de neve.

A leste, o céu era ofuscado pela grande massa a que os locais chamavam Denali, ou só A Montanha. Até a sua pesquisa amadora lhe revelara que apenas os Forasteiros se referiam a ela como McKinley.

O seu único pensamento coerente, no meio daqueles solavancos, era de que nada tão real podia ser tão imenso. Ao ver o Sol espraiar os dedos divinos pelo céu pesado à volta da montanha, as sombras começavam a escorrer e aumentar, azul sobre branco, e a sua face gelada reluzia.

Algo dentro dele se alterara, de tal forma que, por momentos, se esqueceu do estômago às voltas, do constante rugido do motor, até do ar gelado que pairava sobre o avião como uma névoa.

— Grande comó caraças, não é?

— É. — Nate soltou um suspiro. — Grande comó caraças.

Dirigiram-se a oeste, mas ele nunca perdeu de vista a montanha. Conseguia ver agora que o que pensara ser uma estrada gelada era um rio sinuoso e congelado. E próximo da sua margem, a marca do homem com as suas casas e edifícios, carros e camiões.

Era como se estivesse dentro de um globo de neve que ainda não havia sido sacudido, tudo tão calmo e branco, a aguardar.

Algo rangera debaixo do chão. — O que foi isto?

— O trem de aterragem. Ali é Lunacy.

Num rugido, o avião iniciou a descida, que obrigou Nate a agarrar-se ao assento, fincando os pés no chão. — Que raio? Vamos aterrar? Onde? Onde?

— No rio. Nesta altura do ano, está totalmente congelado. Não se preocupe.

— Mas...

— Aterramos nos *skis*.

— *Skis*? — Nate lembrou-se bruscamente que odiava desportos de Inverno. — Um *skate* não seria mais apropriado?

Bruto soltou uma gargalhada louca, à medida que o avião descia para a camada de gelo. — Era giro à brava, não? Um avião com *skate*. C'um caraças.

O avião estremeceu, vacilou e deslizou juntamente com o estômago de Nate. E, graciosamente, imobilizou-se. Bruto desligou os motores, e no súbito silêncio, Nate conseguia ouvir o seu coração a martelar nos ouvidos.

— Não lhe pagam para isto, — balbuciou Nate. — Não é possível que lhe paguem para isto.

— Raios. — Bruto deu uma palmada no braço de Nate. — Não o faço por dinheiro. Bem-vindo a Lunacy, Comandante.

— Bem o pode dizer.

Decidiu que não ia beijar o chão. Além de parecer ridículo, também era capaz de congelar ao concretizá-lo. Em vez disso, girou as pernas para um frio indescritível e rezou para que o mantivessem de pé até conseguir chegar a um lugar quente, calmo e lúcido.

O problema que se punha era atravessar o gelo sem partir a perna, ou o pescoço.

— Não se preocupe com as suas coisas, Comandante, — gritou Bruto. — Eu levo-lhas.

— Obrigado.

Equilibrando-se, Nate viu uma figura de pé na neve. Estava enrolada numa parca castanha, com capuz, forrada de pêlo escuro. Fumava com baforadas curtas e impacientes. Usando-a como guia, Nate começou a percorrer o gelo quebradiço com o máximo de dignidade possível.

— Ignatious Burke.

A voz era áspera e feminina, chegando a ele numa nuvem de vapor. Escorregou, mas conseguiu equilibrar-se a tempo, e com o coração a fustigar as costelas, alcançou a margem coberta de neve.

— Anastasia Hopp. — Esticou uma mão enluvada e, sem ele perceber, agarrou a sua com uma assertividade a toda a prova. — À volta das colinas ainda está verde. Bruto, andaste a brincar com o novo Comandante a caminho da vila?

— Não, senhora. Mas apanhámos mau tempo.

— É sempre assim. Tem muito bom aspecto, você, não? Até mesmo maldisposto. Tome.

Tirou uma garrafinha prateada do bolso e obrigou-o a pegar nela.

— Ah...

— Força. Ainda não está de serviço. Um bocadinho de *brandy* vai acalmá-lo.

Decidindo que não podia piorar nada, abriu a garrafa e bebeu um gole tímido, sentindo que lhe caía directamente no estômago trémulo. — Obrigado.

— Vamos instalá-lo n' A Estalagem, para que possa recuperar o fôlego. — Guiou-o por um caminho calcorreado. — Mais tarde, damos uma volta pela vila, quando tiver a cabeça mais leve. A viagem é longa, desde Baltimore.

— Pois é.

Parecia-lhe que estava no cenário de um filme. As árvores verdes e brancas, o rio, os edifícios feitos de troncos cortados à medida, o fumo que saía das chaminés e dos tubos de exaustão. Tudo transparecia numa penumbra sonhadora que o lembravam que estava exausto, tanto quanto agoniado. Não conseguira dormir em nenhum dos voos e calculava que há quase vinte e quatro horas que não se encontrava na horizontal.

— Ótimo, o dia está limpo, — disse ela. — As montanhas ficam um espectáculo. Este tipo de paisagem atrai os turistas.

Era um postal perfeito, e com algo de esmagador. Ele achava que havia entrado naquele filme — ou no sonho de alguém.

— É bom ver que se equipou a rigor. — Enquanto falava, olhava-o de cima a baixo. — A maioria dos sulistas aparece aqui de sobretudos chiques e botas de cidade, e acaba por gelar o rabo.

Encomendara tudo o que trazia vestido, até a camisola interior térmica, bem como a maior parte do conteúdo da mala, na *Eddie Bauer online* — depois de receber uma lista de sugestões por correio electrónico, da Presidente Hopp. — Foi muito específica, quanto ao que eu ia precisar.

Ela acenou. — E também fui específica quanto ao que precisávamos. Não me desiluda, Ignatious.

— Nate. Faça questão disso, Presidente Hopp.

— Só Hopp. É assim que me chamam.

Ela subiu para um alpendre de madeira. — Esta é A Estalagem. Hotel, bar, restaurante, clube de convívio. Tem um quarto aqui reservado, a descontar no salário. Se decidir que quer viver noutro lado, é você que sabe. A proprietária é Charlene Hidel. Cozinha muito bem, e a casa está sempre limpa. Vai tomar conta de si. E também lhe vai querer saltar para as calças.

— Perdão?

— Você é um homem bonito, e a Charlene tem um fraco por isso. É demasiado velha para si, mas a opinião dela não vai ser essa. Se também decidir que não, o problema é seu.

Depois, sorriu, e ele viu que por baixo do capuz tinha um rosto corado como uma maçã, respeitando as suas formas. Os seus olhos eram castanhos cor de avelã e vivos, a boca comprida e fina, curvando nas extremidades.

— Temos excesso de homens, como quase em todo o Alasca. Mas isso não significa que a população feminina local não comece a rondar. É carne fresca e muitas delas vão querer provar. Faça o que quiser nos tempos livres, Ignatious. Só não ande a comer as miúdas durante o expediente.

— Vou apontar isso.

A gargalhada dela foi como a sirene de um farol — dois urros súbitos. Para a pontuar, deu-lhe uma palmada no braço. — É bem capaz disso.

Escancarou a porta e levou-o para o bendito calor.

Cheirava a fumo e café, algo a fritar com cebola, e o perfume oferecido de uma mulher.

Era uma sala ampla, dividida informalmente num restaurante com conjuntos de duas e quatro mesas, cinco com bancos corridos, e um bar com bancos altos, alinhados com os assentos vermelhos gastos ao centro, de tantos traseiros que haviam acomodado.

Havia uma grande área aberta à direita, e, através dela, conseguia ver uma mesa de bilhar e o que pareciam ser matraquilhos, e as luzes cintilantes de uma *jukebox*.

À direita, outra entrada revelava o que parecia ser uma recepção. Viu uma parte do balcão e cubículos cheios de chaves, alguns envelopes ou folhas com mensagens.

Uma lareira ardia com vivacidade, e as janelas da frente captavam um ângulo que revelava uma vista da montanha espectacular.

Havia uma empregada de mesa enorme e grávida com o cabelo apanhado numa trança comprida e brilhante. O seu rosto era tão cativante, tão lindo e sereno, que ele pestanejou. Ela olhou para ele como uma versão nativa do Alasca da Nossa Senhora de olhos meigos e negros e pele dourada.

Estava a reforçar o café de dois homens numa mesa de bancos corridos. Um rapazinho com cerca de quatro anos estava sentado numa mesa com um livro de colorir. Um homem de casaco de *tweed* estava sentado no bar, a fumar, e a ler um exemplar maltratado de *Ulisses*.

Numa mesa afastada, um homem de barba castanha que lhe chegava ao peito da camisa de flanela axadrezada e gasta parecia encetar uma conversa dura consigo mesmo.

As cabeças voltaram-se na direcção deles, e ouviram-se cumprimentos para Hopp, assim que ela atirou o capuz para trás, revelando uma massa primaveril de cabelo prateado. Os olhares prenderam-se em Nate, num misto de curiosidade e especulação, tocando a hostilidade directa devido à barba.

— Este é Ignatious Burke, o nosso novo Comandante da polícia. — Anunciou Hopp, ao abrir o fecho da parca. — Ali na mesa corrida temos Dex Trilby e Hans Finkle, aquele de olhar franzido no que é possível distinguir do seu rosto é Bing Karlovski. A empregada é Rose Itu. Como está o pequenito hoje, Rose?

— Inquieto. Bem-vindo, Comandante Burke.

— Obrigado.

— Este é O Professor. — Hopp bateu no ombro do Casaco de *Tweed*, ao aproximar-se do bar. — Notaste alguma coisa diferente nesse livro, desde a última vez que o leste?

— Há sempre alguma coisa. — Tirou um par de óculos de armação de metal para melhor ver Nate. — Grande viagem.

— Pois foi, — concordou Nate.

— Ainda não acabou. — Voltando a pôr os óculos, O Professor regressou ao livro.

— E este diabinho lindo é o Jesse, o filho de Rose.

O rapazinho mantinha a cabeça sobre o livro de colorir, mas ergueu o olhar, permitindo que os enormes olhos negros espreitassem por baixo da franja espessa de madeixas pretas. Estendeu o braço, puxou a parca de Hopp para ela se debruçar e ouvir o seu sussurro.

— Não te preocupes. Arranjamos-lhe um.

A porta atrás do bar abriu-se e revelou uma locomotiva negra enorme, de avental branco. — Mike Grande, — anunciou Hopp. — É o cozinheiro. Era da Marinha, até que se embebeu por uma das miúdas locais em Kodiak.

— Deitou-me cá um olhar de truta, — disse Mike Grande com um sorriso. — Bem-vindo a Lunacy.

— Obrigado.

— Queremos qualquer coisa boa e quente para o nosso novo Comandante da polícia.

— Hoje aconselho a sopa de peixe, — disse-lhe Mike Grande. — Acho que vai bem servido. A não ser que prefira antes morder um naco de carne, Comandante.

Nate demorou alguns momentos a identificar-se como *Comandante*. Momentos em que sentiu todos os olhares da sala dirigirem-se para si. — Pode ser a sopa. Parece-me bem.

— Trazemos-lha num instante. — Voltou para a cozinha, e Nate conseguiu ouvir a sua voz de barítono a entoar «*Baby, It's Cold Outside*». Cenário de um filme, postal, pensava ele. Ou uma peça de teatro. Para onde quer que se virasse, sentia-se como um adereço poeirento.

Hopp esticou o dedo para que Nate não saísse de onde estava, antes de marchar a caminho da recepção. Ele ficou a vê-la dar a volta ao balcão e tirar uma chave de um dos cubículos.

Ao fazê-lo, a porta por trás do balcão abriu-se. E a bomba saiu.

Era loura — como Nate achava que deveriam ser as bombas — com uma massa de cabelo ondulado, cor do Sol, aberto em leque até roçar uns seios impressionantes, ostentados pelo decote baixo da camisola azul e justa. Levou um minuto até olhar para o rosto, uma vez que a camisola estava presa nos jeans tão apertados que com certeza haviam magoado vários órgãos internos.

Não que se estivesse a queixar.

O rosto presenteava uns olhos azuis brilhantes com uma inocência em contraste directo com os lábios carnudos e vermelhos. Havia sido generosa na maquilhagem, o que o lembrou de uma boneca *Barbie*.

Uma *Barbie* de cair para o lado.

Apesar da indumentária reduzida, havia um movimento ritmado de tudo o que podia oscilar, à medida que ela dava a volta ao balcão nuns saltos altos finos e abertos atrás, deslizando até ao restaurante. Encostando-se ao bar, fez uma pose lânguida.

— Bom, olá, bonito.

A voz dela emitia um ronronar gutural — que devia ter treinado bastante — concebido para deixar a cabeça de um homem sem pinga de sangue, equiparando o seu QI ao de um nabo bem verde.

— Charlene, comporta-te. — Hopp bateu com a chave. — O rapaz está cansado e meio agoniado. Não tem estofos para lidar contigo agora. Comandante Burke, Charlene Hidel. A estalagem é dela. É o orçamento municipal que paga a sua estadia como parte do seu salário, por isso não se sintas obrigado a dar seja o que for em troca.

— Hopp, és tão *má*. — Mas ao falar, Charlene sorria como uma gatinha acariciada. — Que tal se eu o levar lá para cima, Comandante Burke, para que se possa instalar? Depois levamos-lhe qualquer coisa quente para comer.

— Eu acompanho-o lá acima. — Deliberadamente, Hopp cerrou o punho à volta da chave, deixando pendurado o grande rectângulo preto com o número do quarto. — O Bruto vai trazer as coisas dele. Era capaz de ser boa ideia pedir a Rose que lhe levasse a sopa de peixe que Mike está a preparar. Vamos, Ignatious. Pode socializar quando não estiver prestes a cair de exaustão.

Podia ter falado por si próprio, mas não via o interesse. Seguiu Hopp pela entrada e subiu alguns lanços de escadas, tão obediente quanto um cachorrinho que segue o dono.

Ouviu alguém murmurar, «*Cheechako*¹», num tom que alguém usaria para cuspir um naco de carne duro. Presumiu que se tratava de um insulto, mas ignorou.

— Charlene não faz por mal, — declarou Hopp. — Mas ela gosta bastante de provocar um homem ao máximo, se lhe derem hipótese.

— Não se preocupe comigo, Mamã.

Ela voltou a soltar aquela gargalhada intensa, e enfiou a chave na fechadura para destrancar o quarto 203.

— O marido foi-se embora há quinze anos, e deixou-a com a filha

¹ Palavra de origem indígena, utilizada no Alasca, que designa forasteiro, recém-chegado. (N. da T.)

para criar sozinha. Fez um belo trabalho com Meg, apesar de serem como cão e gato o tempo todo. Desde então já teve muitos homens, e todos os anos são sempre mais novos. Já lhe tinha dito que ela era muito velha para si. — Hopp olhava por cima do ombro. — Na verdade, ao ritmo que vai, acho que você é que é velho de mais para ela. Tem trinta e dois, não é?

— Tinha, quando saí de Baltimore. Há quantos anos foi isso?

Hopp abanava a cabeça, empurrando a porta. — Charlene leva-lhe mais de uma dúzia de anos de avanço. Tem uma filha crescida mais ou menos da sua idade. Talvez seja bom lembrar-se disso.

— Pensava que as mulheres gostavam, quando uma da vossa espécie fisga um homem mais novo.

— Só revela o quanto sabe de mulheres. Ficamos é danadas, por não o termos fisgado primeiro. Bom, aqui estamos.

Ele entrou no quarto de paredes de madeira, com uma cama de ferro, uma cómoda e um espelho de um lado e uma mesa pequena, duas cadeiras e uma pequena secretária do outro.

Era limpo, despojado, e quase tão interessante quanto um saco de arroz branco.

— Por aqui, encontra uma cozinha pequena. — Hopp aproximou-se, erguendo uma cortina azul para revelar um frigorífico diminuto, um fogão com dois bicos e um lava-louça do tamanho da palma da mão de Nate, fechada em concha. — Se não tiver na culinária uma paixão ou um *hobby*, aconselho-o a tomar as refeições lá em baixo. A comida aqui é boa.

— Não é o Ritz, e ela tem quartos melhores, mas o nosso orçamento é apertado. — Passou para o outro lado do quarto, abrindo a porta. — Casa de banho. Esta tem canalização interior.

— Uau. — Espreitou ele, esticando a cabeça.

O lavatório era maior do que o da cozinha, mas não muito. Não havia banheira, mas também um polibã chegava bem.

— Trouxe as suas coisas, Comandante. — Bruto segurava duas malas e um saco de viagem, como se estivessem vazios. Largou-os em cima da cama, e o seu peso abanou o colchão. — Se precisar de mim seja para o que for, estou lá em baixo a comer. Esta noite durmo cá, e de manhã voo para Talkeetna.

Bateu com o dedo na testa, em jeito de continência, e saiu batendo com os pés.

— Merda. Espere. — Nate começou a procurar nos bolsos.

— Eu trato de lhe dar gorjeta, — disse Hopp. — Até entrar ao serviço, é convidado da Câmara Municipal de Lunacy.

— Fico agradecido.

— Quero que trabalhe por isso, portanto veremos como corre.

— Serviço de quartos! — Cantarolou Charlene, ao entrar no quarto com um tabuleiro na mão. Balouçando as ancas como um metrônomo, dirigiu-se para a mesa, onde o pousou. — Trouxe-lhe uma bela sopa de peixe, Comandante, e uma sanduíche digna de um homem. O café está quente.

— Cheira muito bem. Obrigado, Menina Hidel.

— Oh, então, para si é Charlene. — Ela era uma provocadora nata e, sim, pensava Nate, costumava treinar. — Aqui somos todos uma grande família feliz.

— Se fosse esse o caso, não íamos precisar de um Comandante da polícia.

— Oh, não o assustes, Hopp. Gosta do quarto, Ignatious?

— Nate. Sim, obrigado. Está ótimo.

— Agora, vamos a comer qualquer coisa e a descansar, — aconselhou Hopp. — Quando tiver recuperado o fôlego, telefone-me. Mostro-lhe a cidade. O seu primeiro acto oficial vai ser assistir à reunião de amanhã à tarde na Câmara Municipal, onde o vamos apresentar a todos que comparecerem. Deve querer passar antes pela esquadra, e conhecer os dois adjuntos e Peach. E temos de lhe dar a estrela.

— Estrela?

— O Jesse certificou-se de que lhe davam uma estrela. Vamos, Charlene. Deixemos o homem em paz.

— Ligue lá para baixo, se precisar de alguma coisa. — Charlene lançou-lhe um sorriso convidativo. — *Seja* o que for.

Nas costas de Charlene, Hopp revirava os olhos para o céu. Resolvendo a questão, com a mão agarrou o braço de Charlene e puxou-a na direcção da porta. Ouviu-se os sapatos de salto alto raspar no soalho de madeira, um guincho feminino e a porta bater atrás delas.

Através dela, Nate conseguia ouvir o sussurro de Charlene, insultada: — Que raio é que se *passa* contigo, Hopp? Só estava a ser simpática.

— Existe a simpatia de estalajadeira, e a simpatia de bordel. Um dia destes, ainda vais descobrir a diferença.

Ele esperou até ter a certeza que elas se tinham ido embora, antes de ir trancar a porta. Depois, despiu a parca, deixando-a cair no chão, agarrou o gorro e puxou-o. Desenrolou o cachecol, e puxou-o também. Abriu o fecho do colete de penas e juntou-o à pilha de roupa.

Reduzido à camisa, calças, camisola interior térmica e botas, foi até à mesa, pegou na sopa, numa colher e levou ambas para junto das janelas escuras.

Eram três e meia da tarde, de acordo com o relógio da mesa-de-cabeceira — e era escuro como se fosse meia-noite. A iluminação das ruas estava acesa, reparou ele ao provar a sopa, e conseguia distinguir os contornos

dos edifícios. Decorações de Natal em luzes coloridas, em pais-natal e renas de cartão em cima dos telhados.

Mas não havia gente, nem vida, nem movimento.

Comia de forma mecânica, demasiado cansado, demasiado esfomeado para reparar no gosto.

Não havia nada para além daquela janela a não ser o cenário de um filme, pensava ele. Os edifícios podiam ter fachadas falsas, uma mão-cheia de pessoas que conhecera lá em baixo apenas personagens da ilusão.

Talvez tudo não passasse de uma alucinação elaborada, nascida da depressão, do sofrimento, da raiva — de um qualquer misto de sentimentos vil que o projectara numa espiral de vazio.

Acordaria na sua casa de Baltimore, e tentaria reunir energias para os gestos de mais um dia.

Pegou na sanduíche, comendo-a também de pé junto à janela, a olhar para o mundo vazio a preto e branco, com as suas estranhas luzes festivas.

Talvez fosse até lá fora, para o mundo vazio. Tornara-se personagem da invulgar ilusão. Depois, esfumar-se-ia na penumbra, como a última bobina de um filme antigo. E tudo acabaria.

Enquanto ali estava, meio a pensar que tudo acabaria, a desejar que sim, uma figura surgiu na imagem. Vestida de vermelho — vivo e arrojado — que parecia saltar daquela cena incolor, trazendo-lhe movimento.

Esses movimentos eram definidos e céleres. Vida com uma missão, movimento com um propósito.

Passadas rápidas, competentes sobre o branco, que deixava a sombra das pegadas na neve.

Estive aqui. Estou vivo e estive aqui.

Não conseguia perceber se era um homem, uma mulher ou uma criança, mas havia algo na visão das cores, na confiança do passo, que lhe prendeu a atenção e o interesse.

Como se sentisse que estava a ser observada, a silhueta parou e olhou para cima.

Nate voltou a ter a sensação de branco e preto. Rosto branco, cabelo preto. Mas até isso estava desfocado pela escuridão e a distância.

Houve um longo momento de imobilidade, de silêncio. Até que a silhueta começou a caminhar novamente, avançando na direcção d' A Estalagem, e desapareceu de vista.

Nate tapou a janela com as cortinas e recuou.

Depois de ponderar por instantes, tirou as malas de cima da cama, despejando-as no chão, por desfazer. Despiu-se, ignorando o frio do quarto que lhe gelava a pele nua, e rastejou para baixo da montanha de cobertores, como um urso que rasteja na caverna para hibernar.

Ali ficou, um homem de trinta e dois anos com uma despenteada massa de cabelo cor de avelã, que emoldurava um rosto comprido e magro que se rendera à exaustão e ao desespero, que enevoavam os seus olhos de um cinzento-fumado. Nos despojos do dia, a sua pele estava pálida da fadiga acumulada. Apesar de a comida ter serenado o turbilhão do seu estômago, o organismo ainda estava adormecido, como o de quem não consegue curar uma gripe persistente.

Desejava que a *Barbie* — Charlene — lhe tivesse levado uma garrafa, em vez de café. Não costumava beber muito, e talvez fosse por isso que se havia salvado de uma espiral de alcoolismo, juntamente com tudo o resto. Ainda assim, uns quantos copos inconsequentes haveriam de lhe desligar o cérebro e o pôr a dormir.

Agora podia ouvir o vento. Antes não o percebera, mas gemia de encontro à janela. Com ele, ouvia o edifício ranger e o som da própria respiração.

Três sons solitários, ainda mais solitários em unísono.

Não os ouças, dizia ele. *Não ouças nada*.

Ja dormir umas horas, pensou. Depois, tomava um duche para limpar os resquícios da viagem, enchendo-se de café.

Em seguida, ia decidir que raio ainda ia fazer.

Apagou a luz, até o quarto mergulhar na escuridão. Em segundos, também ele se embrenhou nela.

2.

A escuridão envolvia-o, engolindo-o como lama quando o sonho o arrancou do sono. A sua respiração palpitava à medida que rasgava a superfície, abrindo caminho para sorver o ar. A sua pele estava pegajosa de suor, e ele lutava por se livrar dos cobertores.

O cheiro no ar não lhe era familiar — cedro, café de véspera, um aroma ténue a limão. Depois lembrou-se que não estava no seu apartamento de Baltimore.

Enlouquecera, e estava no Alasca.

Os números luminosos do relógio da mesa-de-cabeceira diziam que eram cinco e quarenta e oito.

Logo, havia dormido um pouco antes de o sonho o perseguir de regresso à realidade.

No sonho também estava sempre escuro. Uma noite negra, a chuva pálida e suja. O cheiro a pólvora e sangue.

Bolas, Nate. Fui atingido.

A chuva fria a escorrer-lhe pela cara, o sangue quente a deslizar-lhe pelos dedos. O seu sangue, e sangue de Jack.

Não fora capaz de impedir o sangue de correr, assim como não fora capaz de impedir a chuva de cair. Estavam para além das suas capacidades e, naquele beco de Baltimore, haviam varrido o que restara dele.

Devia ter sido eu, pensava. Não Jack. Ele devia estar em casa com a mulher, com os filhos, e devia ter sido eu a morrer no beco nojento, debaixo daquela chuva nojenta.

Mas safara-se com uma bala na perna, e um segundo tiro, que entrara e saíra, mesmo acima da cintura, o suficiente para o deitar abaixo, atrasando-o, levando Jack a entrar primeiro.

Segundos, erros irrisórios, e um homem bom morria.

Tinha de viver com isso. Pensara em pôr termo à vida, mas tratava-se de uma solução egoísta e não fazia justiça ao amigo, o seu parceiro. Viver com isso era bem pior do que morrer.

Viver era um castigo maior.

Levantou-se e caminhou até à casa de banho. Deu por si pateticamente grato pelo jacto fino de água quente que brotava do chuveiro. Ia demorar um pouco, até o jacto de água arrastar o que pareciam camadas de fuligem e suor, mas não havia problema. Tinha muito tempo.

Ia vestir-se, descer as escadas e tomar um café. Talvez ligasse à Presidente Hopp, para ir dar uma olhadela à esquadra de polícia. Queria tentar ser um pouco mais coerente e limpar aquela primeira impressão de idiota de olhos mortícios.

Sentia-se mais ele, depois do duche tomado e da barba feita. Desenterrando roupa lavada, cobriu-se com várias camadas.

Pegou nas protecções contra o frio e viu-se ao espelho. — Comandante da Polícia Ignatious Burke, Lunacy, Alasca. — Abanou a cabeça, e quase sorriu. — Bom, Comandante, vamos lá arranjar-lhe uma estrela.

Desceu as escadas, surpreendido pelo sossego aparente. Pelo que lera, lugares como A Estalagem eram o ponto de encontro dos locais. As noites de Inverno eram longas, escuras e solitárias, por isso esperava ouvir algum barulho no bar, talvez as bolas de bilhar a abrir o jogo, uma velha melodia *country* do Oeste, da *jukebox*.

Mal entrou, viu que a bela Rosa do Alasca estava a servir café, tal como fizera na véspera. Podiam até ser os mesmos clientes, Nate não tinha a certeza. O filho dela estava sentado numa mesa, a colorir de forma laboriosa.

Nate olhou para o relógio que acertara para a hora local. Sete e dez.

Rose virou-se da mesa e sorriu para ele. — Comandante.

— Que noite tranquila.

Todo o seu rosto se iluminou com um sorriso. — É de manhã.

— Perdão?

— São sete horas, da manhã. Aposto que lhe está a apetecer o pequeno-almoço.

— Eu...

— É natural demorar um bocado a habituar-se. — Acenou na direcção das janelas escuras. — Não tarda começa a clarear, daqui a algumas horas. Sente-se um pouco. Já lhe trago um café para acordar.

Dormira sem interrupções, e nem sequer sabia se havia de estar envergonhado ou maravilhado. Não se lembrava da última vez que dormira mais do que quatro ou cinco horas seguidas.

Colocou os agasalhos num dos bancos corridos e depois decidiu que faria um esforço por cultivar relações comunitárias. Dirigindo-se à mesa de Jesse, bateu com a mão nas costas de uma cadeira. — Este lugar está ocupado?

O rapaz espreitou devagar, por baixo da franja e abanou a cabeça. A morder a língua, continuou a colorir enquanto Nate se sentava.

— Mas que vaca roxa mais gira, — comentou Nate, estudando a obra em curso.

— As vacas não são roxas, a não ser que as pintes dessa cor.

— Ouvi dizer. Tens aulas de arte no liceu?

Jesse revirou os olhos. — Ainda não ando na escola porque só tenho quatro anos.

— Estás a gozar? Quatro? Pensava que tinhas pelo menos dezasseis. — Nate recostou-se, piscou o olho a Rose, ao que ela lhe trouxe uma caneca grossa e branca e lhe serviu o café.

— Fiz anos e tivemos bolo, e milhões de balões. Não foi, mãe?

— É verdade, Jesse. — Pousou a ementa ao lado do cotovelo de Nate.

— E vamos ter um bebé não tarda nada. E tenho dois cães e...

— Jesse, deixa o Comandante Burke ver a ementa.

— Na verdade, queria pedir ao Jesse que me recomendasse alguma coisa. O que é bom para o pequeno-almoço, Jesse?

— Panquecas!

— Panquecas será. — Devolveu a ementa a Rose. — Estamos bem.

— Se mudar de ideias, avise-me. — Mas tinha as faces rosadas de regozijo.

— Que tipo de cães? — Perguntou Nate, e passou o pequeno-almoço a ouvir as descrições dos animais de estimação de Jesse.

Um prato de panquecas e um rapazinho encantador era uma forma bem melhor de começar o dia do que com um pesadelo recorrente. Mais bem-disposto, Nate estava prestes a telefonar a Hopp quando ela apareceu à porta.

— Ouvi dizer que já tinha acordado, — disse ela, e atirou o capuz para trás. Da parca caíam alguns flocos de neve. — Parece mais em forma do que ontem.

— Desculpe ter fraquejado.

— Não há problema. Teve uma bela noite de sono, saboreou um pequeno-almoço decente, em boa companhia, — acrescentou, com um sorriso para Jesse. — Apetece-lhe uma visita guiada?

— Claro. — Levantou-se para vestir a colecção de agasalhos.

— É mais magro do que pensava.

Ele ergueu o olhar para Hopp. Sabia que parecia doente. Um homem que perdeu mais de quatro quilos e meio numa curva de cento e oitenta graus, dentro de uma lata com um metro e meio por três, normalmente ficava doente. — Isso vai acabar, se continuar a comer panquecas.

— E muito cabelo.

Puxou o gorro. — Não pára de crescer.

— Gosto de um homem cabeludo. — Abriu a porta. — Especialmente ruivos.

— Mas o meu cabelo é castanho, — corrigiu ele automaticamente, e enterrou o gorro ainda mais.

— Está bem. Senta-te um bocado, Rose, — gritou para dentro, para depois enfrentar o vento e a neve.

O frio atingiu-o como um comboio em andamento. — Chiça. Até me saltam os olhos das órbitas.

Saltou para o *Ford Explorer* que ela estacionara junto ao passeio. — O seu sangue ainda não engrossou.

— Até podia estar espesso como pasta, que não ia deixar de estar um frio de merda. Desculpe.

— Não costumo corar com palavrões. Claro que está um frio de merda; estamos em Dezembro. — Ao ritmo da sua sonora gargalhada, ligou o motor. — Vamos começar a visita de carro. Não adianta andarmos aos trambolhões no escuro.

— Quantos é que costumam sucumbir à exposição aos elementos e à hipotermia num ano?

— Já perdi alguns nas montanhas, mas a maioria deles são turistas ou loucos. Um homem chamado Teek, uma noite apanhou uma bebedeira de caixão à cova, faz Janeiro próximo três anos, e morreu congelado na sua casa de banho exterior, a ler a revista *Playboy*. Mas ele era um idiota. As pessoas que vivem aqui sabem tomar conta de si, e os *cheechakos* que sobrevivem ao Inverno, aprendem — ou vão embora.

— *Cheechakos*?

— Forasteiros. Não devemos menosprezar a natureza, mas aprende-

mos a viver com ela, e se formos espertos, usamo-la a nosso favor. Aproveitamos o ar livre — *ski*, caminhar na neve, andar de *skate* no rio, pescar no gelo. — Encolheu os ombros. — Temos cuidado e tiramos partido do frio, uma vez que veio para ficar.

Conduzia com uma competência impecável na estrada coberta de neve. — Ali é a nossa clínica. Temos um médico e uma enfermeira especializada.

Nate estudava o edifício pequeno e atarracado. — E se não derem conta do recado?

— Voam para Anchorage. Temos um piloto do mato que vive nos arredores da cidade. Meg Galloway.

— Uma mulher?

— É machista, Ignatious?

— Não. — *Talvez*. — Era só para saber.

— Meg é filha de Charlene. Uma piloto fantástica. Um pouco doida, mas um bom piloto do mato tem de o ser, na minha opinião. Ela podia tê-lo trazido de Anchorage, mas chegou um dia mais tarde do que o previsto, e ela tinha outra marcação, por isso ligámos ao Bruto de Talkeetna. É capaz de ver Meg mais tarde, na reunião municipal.

E vai ser mesmo divertido, pensava Nate.

— A Loja da Esquina — tem tudo o que precisa, senão arranjam uma forma de o encontrar. É o edifício mais antigo de Lunacy. Os caçadores construíram-no no início de 1800, e Harry e Deb fizeram obras de expansão, quando o compraram em 83.

Era do dobro do tamanho da clínica, e tinha dois andares. As luzes já reluziam nas janelas.

— Temporariamente, os correios funcionam no banco, mas este Verão vamos conseguir abrir uma estação. E aquele sítio minúsculo ao lado é a Casa Italiana. Tem uma boa pizza. Não entregam para fora da cidade.

— Uma pizaria.

— Italiano de Nova Iorque, chegou aqui há três anos, numa expedição de caça. Apaixonou-se. Nunca mais de cá saiu. Johnny Trivani. No início chamou-lhe *Trivani's*, mas toda a gente lhe chamava a Casa Italiana, e assim ficou. Fala-se em acrescentar uma padaria. Diz que vai arranjar uma daquelas noivas russas por correspondência, que se vê na internet. Talvez o faça.

— Vai fazer *blinis* caseiros?

— Esperemos que sim. O jornal da cidade fica naquela loja, — disse ela, apontando. — O casal que o dirige está fora. Levaram os miúdos a San Diego, aproveitando as férias da escola, logo a seguir ao Natal. KLUN — rádio local — emite dali. Mitch Dauber dá conta dela quase sempre sozinho. É um sacana que sabe ser muito divertido.

— Vou sintonizar.

Deu a volta, voltando ao caminho que tinham acabado de percorrer. — Cerca de oitocentos metros a oeste da cidade fica a escola — desde o jardim-de-infância até ao liceu. De momento, tem setenta e oito alunos. Também lá temos aulas para adultos. Aulas de ginástica, arte, esse tipo de coisa. Desde a quebra até ao gelo, costumam ser à noite. Mas depois passam para de dia.

— Quebra? Gelo?

— Quando o gelo quebra no rio, é porque vem aí a Primavera. Quando o rio congela, é altura de vestir ceroulas.

— Entendi.

— Temos quinhentas e seis almas no que chamamos o centro da vila, e mais cento e dez — aproximadamente — a viver fora, mas ainda no nosso distrito. Agora o *seu* distrito.

Ainda parecia a Nate que se encontrava no estúdio de cinema, longe do mundo real. Mais ainda do seu mundo.

— Os bombeiros — todos voluntários — são ali. E aqui é a Câmara Municipal. — Abrandou o carro e parou diante de um grande edifício de madeira. — O meu marido ajudou a construí-lo há treze anos. Foi o primeiro Presidente da Câmara de Lunacy, e manteve o cargo até morrer, faz em Fevereiro quatro anos.

— Morreu de quê?

— Ataque cardíaco. Tinha ido jogar hóquei no lago. Fez um golo, caiu para o lado e morreu. Típico dele.

Nate aguardou um instante. — Quem é que ganhou?

Hopp desatou a rir. — O golo que ele marcou empatou o jogo. Nunca chegaram a acabar a partida. — Acelerou o carro. — Chegámos.

Nate espreitou para a escuridão e para a neve que caía. Viu um edifício cuidado, de estrutura de madeira, e era óbvio que era mais recente do que os restantes. Apresentava um estilo *bungalow*, com um alpendre pequeno e coberto e duas janelas, uma de cada lado da porta, ambas emolduradas com portadas verdes-escuras.

Havia sido aberto um caminho à pazada ou sulcado da rua até à porta, e uma pequena entrada para carros, que parecia ter sido escavada há pouco tempo, já começava a ficar coberta de alguns centímetros de neve fresca. Uma carrinha *pickup* azul estava estacionada, e outro caminho pedestre estreito serpenteava na direcção da porta.

Em ambas as janelas havia luzes acesas e, no telhado, saía fumo de um tubo de chaminé preto, numa nuvem cinzenta.

— Estamos abertos?

— Claro que sim. Sabem que está para chegar hoje. — Passou por trás da carrinha. — Está pronto para conhecer a equipa?

— Mais do que nunca.

Saiu do carro, para descobrir que estava tão chocado com o frio como da primeira vez. Respirando entre dentes, caminhava atrás de Hopp pelo carro estreito até à porta da rua.

— Cá em cima é a isto que chamamos uma entrada do Ártico. — Passou na entrada coberta, abrigada do vento e do mau tempo. — Ajuda a minimizar as perdas de calor do edifício principal. É um belo sítio para despir a parca.

Livrou-se da dela, pendurando-a num gancho ao lado de outra. Nate imitou-a e tirou também as luvas, enfiando-as num dos bolsos da parca. Em seguida, tirou o gorro e o cachecol. Perguntava-se se algum dia se ia habituar a equipar-se como um explorador do Pólo Norte sempre que tinha de sair porta fora.

Hopp empurrou a segunda porta, e entrou para o aroma a madeira queimada e café.

As paredes estavam pintadas de bege industrial, o pavimento revestido de linóleo às manchas. Ao fundo à direita havia um pequeno fogão a lenha. Em cima dele, uma grande chaleira de ferro fundido projectava vapor do bico.

Havia duas secretárias de metal, tocando-se à direita na sala, e à esquerda uma fila de cadeiras de plástico e uma mesa de apoio com revistas espalhadas em cima. Ao longo da parede do fundo, antevia-se um balcão com uma portinhola basculante, um computador e um centro de mesa de uma árvore de Natal de cerâmica de um verde jamais recriado pela natureza.

Reparou nas portas de cada lado, o quadro informativo onde eram afixados avisos e notas.

E nas três pessoas que fingiam não o fixar com o olhar.

Presumia que os dois homens eram os seus adjuntos. Um parecia mal ter idade para votar e o outro velho o suficiente para ter votado em Kennedy. Ambos envergavam pesadas calças de lã, botas robustas e camisas de flanela com os distintivos presos a elas.

O mais novo era nativo do Alasca, de cabelo negro e liso a cair quase até aos ombros, olhos amendoados, negros como a meia-noite, e uma sofrida expressão jovem e inocente no rosto de linhas robustas.

O mais velho estava curtido pelo vento, de cabelo curto e maçãs do rosto flácidas, olhos azuis um pouco vesgos que terminavam em grandes sulcos. A sua constituição forte contrastava com a delicadeza do companheiro. Nate achava que devia ser ex-militar.

A mulher era redonda como uma baga, de faces rosadas e rechonchudas e um peito generoso por baixo de uma camisola cor-de-rosa, bor-

dada com flocos de neve brancos. O cabelo grisalho tomava a forma de um carrapito no alto da cabeça. Nele espetara um lápis e nas mãos trazia um prato de bolos com cobertura de açúcar.

— Bom, o pessoal está cá todo. Comandante Ignatious Burke, esta é a sua equipa. Adjunto Otto Gruber.

A equipa deu um passo em frente, estendendo a mão. — Comandante.

— Adjunto Gruber.

— Adjunto Peter Notti.

— Comandante Burke.

Algo no sorriso hesitante chamou-lhe a atenção. — Adjunto, tem algum laço familiar com Rose?

— Sim, senhor. É minha irmã.

— E por último, a sua despachante, secretária e portadora de bolinhos de canela, Marietta Peach.

— Fico contente com a sua vinda, Comandante Burke. — Tinha uma voz tão sulista quanto um *julep* de menta sorvido numa varanda. — Espero que se esteja a sentir melhor.

— Sim. Obrigado, Sra. Peach.

— Vou mostrar o resto da esquadra ao Comandante, e depois deixo-vos para que se apresentem. Ignatious, que tal irmos ver as instalações dos... hóspedes?

Indicou o caminho passando a porta à direita. Havia duas celas, ambas com beliches. As paredes pareciam pintadas de fresco, o chão polido há pouco tempo. Cheirava a *Sonazol*.

Não havia inquilinos.

— Costumam ter muito uso? — Perguntou Nate.

— Bêbedos e desordeiros, principalmente. Em Lunacy, é preciso estar muito bêbedo e causar muita desordem para passar a noite na cadeia. É capaz de ter algumas agressões, vandalismo ocasional, mas isso costuma ser obra de miúdos aborrecidos. Deixo que a sua equipa o ponha a par do crime em Lunacy. Não temos nenhum advogado, por isso se alguém fizer questão de ter um, tem de vir de Anchorage ou de Fairbanks, a não ser que conheçam outro noutro sítio qualquer. Temos um juiz aposentado, mas é mais provável que esteja a pescar no gelo do que a tratar de questões legais.

— Ok.

— Bolas, já me dói a cabeça de o ouvir falar.

— Nunca consigo ficar calado.

Soltando um riso breve, ela abanou a cabeça. — Vamos ver o seu gabinete.

Voltaram a atravessar o espaço comum, onde todos fingiam estar a trabalhar. Do outro lado do balcão da Sra. Peach, logo a seguir à entrada, ficava o armário das armas. Ele contou seis caçadeiras, cinco espingardas, oito revólveres e quatro facas de aspecto ardiloso.

Enfiou as mãos nos bolsos, mordendo os lábios. — O quê? Não há nenhuma espada a sério?

— Mais vale prevenir do que remediar.

— Pois. Não vá haver alguma invasão.

Ela apenas sorriu e atravessou a porta junto ao armário. — Aqui fica o seu gabinete.

Tinha cerca de um metro quadrado, com uma janela por trás de uma secretária de metal cinzenta. Em cima dela, um computador, um telefone e um candeeiro preto extensível. Haviam sido empurrados contra a parede dois armários de arquivo, com uma espécie de balcão que servia ambos. Em cima, uma máquina de café — já cheia — e duas canecas de faiança castanhas, um cesto com pacotes de natas e açúcar. Viu um *placard* de cortiça — vazio — duas cadeiras desmontáveis para visitas e cabides para pendurar os casacos.

As luzes reflectidas no vidro escuro da janela davam um ar impessoal e estranho.

— Peach deixou tudo o que precisa na sua secretária, mas se precisar de mais alguma coisa, o armário do economato fica ao fundo do corredor. A casa de banho é em frente.

— Ok.

— Alguma dúvida?

— Tenho montes de dúvidas.

— Porque é que não as coloca?

— Está bem. Vou perguntar uma coisa, uma vez que o resto depende disso. Porque é que me contratou?

— É justo. Importa-se? — Indagou ela, ao gesticular para a cafeteira.

— Sirva-se.

Ela deitou café em duas canecas para ambos, entregou-lhe uma e depois sentou-se numa das cadeiras desmontáveis. — Precisávamos de um Comandante da polícia.

— Talvez.

— Somos pequenos, remotos e costumamos resolver os nossos problemas, mas isso não quer dizer que dispensemos uma estrutura, Ignatious. Que não tenhamos de demarcar uma linha entre o certo e o errado, e de alguém que represente essa linha. O meu marido trabalhou por isso muitos anos, até dar o último fôlego.

— E agora é a sua vez.

— É verdade. Agora sou eu. Além disso, termos uma força policial nossa significa que podemos continuar a tomar conta de nós próprios. Não envolvemos os federais nem o governo. Uma cidade como esta pode ser ignorada pelo que é e por onde se encontra. Mas agora temos uma força policial, bombeiros. Temos uma boa escola, uma boa estalagem, um jornal semanário, uma estação de rádio. As condições atmosféricas costumam isolar-nos do mundo, por isso aprendemos a ser auto-suficientes. Mas precisamos de ordem, e esta casa e as pessoas que aqui trabalham são o símbolo dessa ordem.

— Contratou um símbolo.

— Por um lado, foi isso mesmo que fiz. — Os seus olhos castanhos-avelã fixaram os dele. — As pessoas sentem-se mais seguras com símbolos. Por outro lado, espero que faça o seu trabalho, e grande parte desse trabalho, para além de manter a ordem, é de relações comunitárias — e foi por isso que aproveitei para lhe mostrar as actividades da cidade, e lhe dei os nomes de quem é dono do quê. Mas há mais. Bing tem uma oficina, conserta qualquer motor que lhe leve, e também trabalha com maquinaria pesada. Limpa-neves, retroescavadoras. A *Lunatic Air* transporta carga e passageiros, e traz mantimentos para a cidade, até os faz chegar ao mato.

— *Lunatic Air*.

— No fundo, é a Meg, — disse Hopp, meio a sorrir. — Aqui estamos na orla do Interior, e fomos crescendo, de uma colónia de gente aventureira, hippies, e agitadores, e agora somos uma vila estruturada. Vai acabar por conhecer a população desta vila, os relacionamentos, os ressentimentos e as ligações. Só então vai perceber como lidar com tudo isso.

— O que me leva à questão inicial. Porque é que me contratou? Porque não trazer alguém que já saiba tudo isso?

— Parece-me que alguém que já saiba tudo isso pode assumir este trabalho como uma agenda pessoal. Ressentimentos, ligações pessoais. Se trouxermos alguém do Exterior, vai começar de novo. Você é jovem; isso pesou a seu favor. Não era casado nem tinha filhos, que podiam não assimilar esta vida e pressioná-lo a descer aos *Lower 48*². Tem mais de dez anos de experiência na polícia. Tinha as habilitações que eu procurava — e não regateou o salário.

— Estou a ver, mas também existe o outro lado. Não sei que raio é que ando a fazer.

— Mmm. — Ela acabou de beber o café. — Você parece-me um jovem inteligente. Não tarda a descobrir. Entretanto. — Levantou-se. — Vou

² Conjunto de Estados norte-americanos continentais, que exclui o Havai e o Alasca. (N. da T.)

deixá-lo ambientar-se. A reunião é às duas, na Câmara Municipal. Prepare-se para dizer algumas palavras.

— Oh, bolas.

— Mais uma coisa. — Enfiou a mão no bolso e tirou uma caixa. — Isto vai dar jeito. — Abrindo-a, tirou a estrela de prata e fixou-a na camisa dele. — Vemo-nos às duas, Comandante.

Ele ali ficou, no meio da sala, a contemplar o café enquanto ouvia as vozes sussurradas lá fora. Não sabia o que estava a fazer — era a mais pura verdade — por isso, achou melhor delinear um local por onde começar, e pronto.

Hopp tinha razão. Não tinha mulher, nem filhos. Não tinha nada nem ninguém que o puxasse para os *Lower 48*. Para o mundo. Ia ficar ali, e tinha de se sair bem. Se desperdiçasse tudo, aquela estranha oportunidade no extremo do universo, não tinha mais para onde ir. Ficava sem mais nada para fazer.

O seu estômago estremeceu com o mesmo desconforto nervoso que sentira no avião, ao sair com o café para a área comum.

— Ah, se me pudessem dar alguns minutos.

Não estava certo de onde devia ficar, e depois percebeu que não devia ficar de pé. Pousou o café e avançou, para pegar em duas cadeiras de plástico. Depois de as levar para as secretárias, voltou a agarrar no café e desencantou um sorriso para Peach.

— Sra. Peach? Importa-se de se sentar aqui um pouco? — E apesar de a imagem de bolos empilhados lhe cair em fraqueza no estômago, conseguiu ostentar um sorriso. — Talvez pudesse trazer alguns desses bolinhos de canela. Cheiram mesmo muito bem.

Bastante satisfeita, levou o prato com ela e um molho de guardanapos. — Rapazes, sirvam-se.

— Imagino que a situação seja tão constrangedora para vocês como é para mim, — começou Nate, ao pegar num bolo com um guardanapo. — Não me conhecem. Não sabem que espécie de polícia sou. Não sou destas bandas, e não sei patavina desta parte do mundo. E vocês devem acatar ordens minhas. Vão acatar ordens minhas, — corrigiu, e deu uma dentada no bolo.

— Isto é pecado puro.

— O segredo está na banha.

— Aposto que sim. — Visualizou cada uma das suas artérias a comprimir-se. — É difícil acatar ordens de alguém que não conhecemos, em quem não confiamos. Não têm razões nenhuma para confiar em mim. Ainda. Vou errar. Não me importo que me digam isso mesmo, desde que mo digam em privado. Também vou confiar que vocês, todos, me mante-

nham actualizado. Em relação ao que devo saber, às pessoas que tenho de conhecer. Mas por agora, quero saber se algum de vocês tem algum problema comigo. Vamos abrir o jogo agora, e resolver o assunto.

Otto bebericou o café. — Só saberei se tenho algum problema quando perceber do que é feito.

— É justo. Se sentirem que há algum problema, digam-me. Talvez veja as coisas pelo vosso prisma, ou talvez vos mande dar uma curva. Mas saberemos com que contar.

— Comandante Burke?

Nate olhou para Peter. — É Nate. Espero sinceramente que as pessoas não imitem a Presidente Hopp e desatem todas a chamar-me Ignatious.

— Bom, estava a pensar que talvez no início eu ou o Otto o devêssemos acompanhar nas saídas, e na patrulha também. Só até conhecer a zona.

— Acho boa ideia. A Sra. Peach e eu vamos começar a elaborar um calendário de turno, semanal.

— Pode começar a chamar-me Peach. Só gostava de dizer que espero que este local se mantenha limpo e que as tarefas — que incluem lavar a casa de banho, Otto — sejam incluídas no calendário como tudo o resto. As esfregonas, os baldes e as vassouras não são só ferramentas de mulheres.

— Assinei contrato de adjunto, não de criada.

Ela tinha um rosto suave e maternal. E, como qualquer mãe dedicada, conseguia trespassar ferro com um olhar firme. — E a mim pagam-me para trabalhar como despachante e secretária, não para esfregar sanitas. Mas o que tem que ser, tem muita força.

— Porque é que não estabelecemos uma rotatividade nas tarefas, por enquanto? — Interrompeu Nate, ao ver ambos os rostos iluminarem-se com o fogo do confronto. — E eu falo com a Presidente Hopp para dar um jeito no orçamento. Talvez seja possível arranjar alguém que trate das limpezas uma vez por semana. Quem é que tem as chaves do armário das armas?

— Estão trancadas na minha gaveta, — disse Peach.

— Gostava de ficar com elas. E também de saber que armas é que os adjuntos estão mais habilitados a usar.

— Se for uma arma, sei usá-la, — ripostou Otto.

— Não duvido nada, mas vamos usar distintivos. — Inclinou a cadeira para trás, para conseguir ver a arma que Otto trazia no coldre. — Quer manter a .38 como arma de serviço?

— É a minha, e gosto dela.

— Óptimo. Eu fico com a SIG 9mm que está no armário. Peter, sente-se bem com a 9 que traz?

— Sim, senhor.

— Peach, sabe usar uma arma de fogo?

— Também tenho um revólver Colt .45 que era do meu pai trancado na secretária. Ele ensinou-me a disparar quando tinha cinco anos. E sei usar qualquer uma das que estão no armário, tal como aqui o *GI Joe*.

— Servi no Corpo, — ripostou Otto, com alguma indignação. — Sou Fuzileiro.

— Está bem. — Nate pigarreou. — Quantos residentes é que acham que têm porte de arma?

Os três fixaram o olhar nele, até que, por fim, Otto esboçou um sorriso. — Praticamente todos.

— Ótimo. Temos uma lista dos residentes que têm licença de porte oculto?

— Posso tratar disso, — voluntariou-se Peach.

— Agradecia. E há alguma cópia do regulamento camarário?

— Vou buscar.

— Só mais uma coisa, — disse Nate ao ver Peach levantar-se. — Se tivermos de prender alguém, quem é que estabelece a fiança, decide a duração, o pagamento da multa, e essas coisas?

Houve um longo silêncio antes de Peter falar. — Acho que é você, Comandante.

Nate soltou um suspiro. — Não vai ser divertido?

Voltou para o seu gabinete, levando a papelada que Peach lhe entregara. Não demorou muito a ler tudo, mas ficou com algo para afixar no *placard* de cortiça.

Estava a arrumar as folhas, a bater com elas na secretária, quando Peach entrou. — Tenho estas chaves para si, Nate. São do armário das armas. Estas são das portas da esquadra, a da frente e a das traseiras, das celas e do seu carro. Todas têm etiquetas.

— O meu carro? Qual é?

— Um *Grand Cherokee*. Está estacionado ali fora, na rua. — Largou as chaves na mão dele. — Hopp disse que um de nós devia saber mostrar-lhe como funciona o aquecimento do motor.

Também havia lido sobre aquilo: os aquecedores concebidos para manter o motor quente, quando tudo o resto está a temperaturas abaixo de zero. — Já lá vamos.

— O Sol está a nascer.

— O quê? — Virou-se e olhou pela janela.

Então, estacou, os braços caídos ao longo do corpo, as chaves a pesarem-lhe na mão, enquanto o Sol irradiava uma cor de laranja e se elevava no céu. As montanhas ganhavam vida, enormes e brancas com os fios dourados a deslizar na sua superfície.

Enchiam-lhe a janela. Deixavam-no sem fala.

— Não há nada como o primeiro nascer do Sol de Inverno no Alasca.

— Parece que sim. — Abismado, aproximou-se da janela.

Conseguia ver o rio onde aterrara — uma doca comprida e sinuosa em que não havia reparado, e o brilho do gelo sob o céu resplandecente. Via as colinas de neve, um aglomerado de casas, grupos de árvores — e reparava, pessoas. Havia pessoas, de tal forma agasalhadas que mais pareciam bolas de cor a deslizar sobre o branco.

O fumo elevava-se, e seria possível, uma águia a sobrevoar lá em cima? Ao observá-la, um grupo de crianças apareceu a correr na direcção do braço gelado de rio, de *sticks* de hóquei na mão e *skates* sobre os ombros.

E as montanhas presidindo a tudo, como deusas.

Ao observá-las, esqueceu-se do frio, do vento, do isolamento e da sua própria infelicidade silenciosa.

Ao observá-las, sentiu-se vivo.

3.

Talvez estivesse demasiado frio, talvez as pessoas se estivessem a comportar bem de mais, ou talvez o espírito natalício estivesse enraizado naquela semana entre o Natal e o Ano Novo, mas era quase meio-dia quando receberam o primeiro telefonema.

— Nate? — Peach apareceu à porta dele com as agulhas de tricotar e um pedaço de lã roxa pendurado. — A Charlene ligou d' A Estalagem. Parece que uns rapazes andaram à zaragata por causa de um jogo de bilhar. Andam para lá aos empurrões.

— Está bem. — Levantou-se, procurando uma moeda no bolso ao sair. — Escolham, — disse a Otto e a Peter.

— Cara. — Otto pousou a revista *Field & Stream* enquanto Nate atirava a moeda ao ar.

Bateu com ela nas costas da mão. — Coroa. Ok. Peter, venha comigo. É uma pequena alteração n' A Estalagem. — Agarrou no coldre e prendeu-o ao cinto.

Dirigiu-se para a entrada e começou a agasalhar-se. — Se a coisa ainda não se tiver descontrolado até lá chegarmos, — disse ele a Peter, — quero que me diga logo quem são os envolvidos, para ficar com uma ideia. Se acha que alguma coisa pode correr mal ou se conseguimos resolver a questão com uns quantos gritos.

Empurrou a porta, deixando entrar o ar frio e cortante. — Aquele é o meu? — Perguntou, acenando para o *Jeep* preto estacionado junto ao passeio.

— Sim, senhor.

— E aquele cabo ligado ao poste deve ir dar ao aquecedor do motor.

— É necessário sempre que ficar parado algum tempo. Na mala está um cobertor *Mylar*, que dá para tapar o motor e mantê-lo quente durante cerca de vinte e quatro horas. Mas por vezes as pessoas esquecem-se de o tirar, o que leva a sobreaquecimento. Também lá estão cabos de bateria, — continuou ele, ao puxar a ficha. — Foguetes de sinalização, estojo de primeiros socorros e...

— Já vemos isso tudo, — interrompeu Nate, perguntando-se se conduzir por uma rua chamada *Lunatic Street* precipitaria a necessidade dos foguetes de sinalização e do estojo de primeiros socorros. — Veremos se consigo levar-nos inteiros até à A Estalagem.

Saltou para trás do volante e enfiou a chave na ignição. — Bancos aquecidos, — reparou ele. — Deus existe.

A cidade parecia diferente à luz do dia, não havia dúvida. Bastante mais pequena, pensava Nate ao manobrar pela estrada coberta de neve. Os tubos de escape enegreciam as bermas brancas e as montras das lojas não primavam pelo asseio, sendo a maioria das decorações de Natal mais usadas iluminada pelo Sol.

Não era um postal, excepto se o olhar se soltasse para as montanhas, mas estava longe de ser lúgubre.

Rude era um termo melhor, decidiu. Era uma comunidade esculpida no gelo, na neve e na pedra, acompanhando de perto um rio sinuoso, rodeada de florestas onde conseguia imaginar com facilidade lobos a vaguear.

Não sabia se as florestas também tinham ursos, mas decidiu que não valia a pena preocupar-se com isso até à Primavera. A não ser que o que se dizia sobre hibernação fossem tretas.

Demorou menos de dois minutos a conduzir da esquadra até à estalagem. Viu um total de dez pessoas na rua e passou por uma *pickup* bojuda, um *SUV* desajeitado e contou três limpa-neves estacionados e uma quantidade de *skis* encostados à Casa Italiana.

Parecia que as pessoas não costumavam hibernar em Lunacy, independentemente dos ursos.

Foi até à porta principal d' A Estalagem e entrou, com Peter logo atrás.

Ainda não havia acabado. Conseguia perceber isso com clareza, através dos gritos de incentivo — *dá-lhe um chuto no cu gordo, Mackie!* — e o som abafado de empurrões e grunhidos. O que Nate avaliara era um ajun-

tamento típico de Lunacy, que consistia em cinco homens em camisas de flanela, um dos quais, após um olhar mais atento, se veio a verificar tratar-se de uma mulher.

Rodeados por eles, dois homens de cabelo castanho e despenteado rolavam no chão, tentando acertar murros certos um no outro. A única arma que viu foi um taco de bilhar partido.

— Os irmãos Mackie, — informou Peter.

— Irmãos?

— Sim. Gémeos. Desde o ventre que andam à pancada um com o outro. Quase nunca se metem com mais ninguém.

— Ok.

Nate abriu caminho entre a amálgama de corpos unidos. Os gritos diminuíram para murmúrios, ao verem-no aproximar-se e agarrar no Mackie de cima para que largasse o Mackie que estava em baixo.

— Pronto, vamos a separar. Fica aí, — ordenou ele, mas o Mackie número dois já se levantava, puxando a mão a trás. Acertou um murro sólido no maxilar no irmão.

— *Rio vermelho*, já comeste! — Gritou, e depois iniciou a dança da vitória, de punhos erguidos, enquanto o irmão esperneava nos braços de Nate.

— Peter, por amor de Deus, — exclamou Nate ao ver o adjunto imóvel.

— Oh, desculpe, Comandante. Jim, vê se te acalmas.

Em vez disso, Jim Mackie continuava a mostrar as garras, para gáudio da multidão.

Nate viu dinheiro a passar de mãos, mas decidiu ignorar.

— Agarre neste. — Nate empurrou o homem inconsciente para Peter e avançou para o autoproclamado campeão. — O adjunto deu-te uma ordem.

— Foi? — De sorriso irónico, revelava sangue nos dentes e um brilho malévolo nos olhos castanhos. — E depois? Aquele anormal não me dá ordens.

— Isso é que dá. E já te mostro porquê. — Nate fez o homem girar, encostou-o contra a parede, pôs-lhe as mãos atrás das costas e algemou-o em dez segundos.

— Hei! — Foi a única coisa que o campeão em título conseguiu dizer.

— Chateia-me, e vais apodrecer na cela por resistência a detenção, entre outras coisas. Peter, traga esse para a esquadra quando acordar.

Sem lealdade aparente, a multidão mudou o apoio para Nate, gritando e assobiando, enquanto ele carregava Jim Mackie na direcção da porta.

Nate fez uma pausa ao ver Charlene sair da cozinha. — Quer apresentar queixa? — Perguntou-lhe.

Ela fitava-o, acabando por pestanejar. — Eu... bom, raios, não sei. Nunca ninguém me perguntou isso. Que tipo de queixa?

— Partiram algumas coisas lá atrás.

— Oh. Bom, eles acabam sempre por pagar tudo. Mas afugentaram uns turistas que iam pedir almoço.

— Foi o Bill que começou.

— Oh, então, Jim, começam sempre os dois. Sempre. Já vos disse que não quero que andem aqui à luta, a causar desacatos e a afugentar as pessoas. Não quero apresentar queixa. Só quero que esta parvoíce acabe. E que me paguem os estragos.

— Entendido. Vamos resolver isto, Jim.

— Não percebo porque tenho de...

Nate resolveu a questão empurrando-o para o frio.

— Hei, por amor de Deus, preciso dos meus agasalhos.

— O Adjunto Notti já trata disso. Entra no carro, ou ficas aqui a congelar. Tu é que sabes. — Abriu a porta e empurrou Jim lá para dentro.

Assim que Nate se sentou ao volante, Jim recuperou alguma dignidade, apesar de ter a boca a sangrar e o olho inchado. — Não me parece que se devam tratar assim as pessoas. Não está certo.

— Eu acho que não está certo bateres no teu irmão enquanto alguém lhe agarra os braços.

Jim teve a graça de parecer humilhado, e mergulhou o queixo no peito. — Entusiasmei-me. Com o calor do momento. E o filho da puta irritou-me. Você é o Forasteiro que foi nomeado Comandante da polícia, não é?

— És perspicaz, Jim.

Jim amouu durante a curta viagem até à esquadra. Em seguida, arrastou os pés, enquanto Nate o levava lá para dentro.

— Este é dos *Lower 48*, — disse ele assim que viu Otto e Peach, — não percebe como as coisas se fazem em Lunacy.

— Porque é que não lhe explicas isso tudo? — Havia um brilho nos olhos de Otto. Era possível que fosse de satisfação.

— Preciso do estojo de primeiros socorros. Vai para o meu gabinete, Jim.

Nate deixou-o entrar, sentou-o numa cadeira e, depois de abrir uma das algemas, prendeu-a ao braço da cadeira.

— Ah, então. Se quisesse fugir, podia arrastar esta cadeira da treta comigo.

— Claro que sim. E depois juntava roubo de propriedade da polícia às acusações.

Jim amou outra vez. Era um homem ossudo, com cerca de trinta anos, e uma cabeleira castanha e farta, rosto estreito afundado nas faces. Os olhos eram castanhos, o esquerdo bastante inchado por causa dos murros certos. Tinha o lábio aberto, que continuava a sangrar.

— Não gosto de si, — concluiu.

— Isso não é crime. Distúrbios, destruição de propriedades, agressão. Isso já é.

— Por estes lados, se um homem quiser desancar o irmão, o problema é dele.

— Isso acabou. Por estes lados, um homem vai ter de respeitar a propriedade privada e a propriedade pública. Vai ter de respeitar os agentes da lei nomeados para os cargos.

— Peter? Aquele anormal?

— Agora, é o Adjunto Anormal.

Jim soltou um suspiro sonoro que disparou gotículas de sangue pelo ar. — Por amor de Deus, conheço-o desde que nasceu.

— Quando usar um distintivo, e te disser para te acalmes, acalmaste, e não interessa se o conhecesse *in vitro*.

Jim lançou um olhar interessado e confuso. — Não sei de que raio é que está a falar.

— Já percebi. — Olhou para Peach de relance, quando ela entrou.

— Trouxe o estojo de primeiros socorros e o saco de gelo. — Passou o saco a Jim, e pousou o estojo na secretária, diante de Nate. Depois, enrolou as mãos em punho sobre as ancas. — Jim Mackie, nunca mais deixas de ser burro, pois não?

— Foi o Bill que começou. — Corado, pressionou o saco de gelo no lábio a sangrar.

— É a tua versão. Onde está o Bill?

— O Peter ficou de trazê-lo, — disse Nate. — Quando acordar.

Peach fungou. — A tua mãe é bem capaz de te pôr o outro olho negro, quando vier pagar a fiança. — Com aquela previsão, saiu, batendo com a porta.

— *Chiça!* Não me vai pôr na cadeia por esmurrar o meu próprio irmão.

— É possível. Talvez te dê uma folga, sendo hoje o meu primeiro dia de serviço. — Nate recostou-se. — Qual era o motivo da briga?

— Ok, ouça só isto. — Assumindo uma postura de defesa, Jim bateu com as mãos nos joelhos. — Aquela besta desmiolada disse que *Cavalgada Heróica* era o melhor *western* de sempre, quando toda a gente sabe que é *O Rio Vermelho*.

Nate não disse nada por momentos. — Só isso?

— Quer dizer, *por amor de Deus!*

— Só quero esclarecer. Tu e o teu irmão andaram à pancada porque discordavam quanto ao mérito relativo de *Cavalgada Heróica* contra *O Rio Vermelho*, no currículo de John Wayne?

— No quê dele?

— Andaram à pancada por causa dos filmes de John Wayne.

Jim mudou de posição na cadeira. — Pois. Resolvemos tudo com Charlene. Já posso ir?

— Vão resolver tudo com a Charlene e vão pagar a multa de cem dólares cada um, por distúrbios em local público.

— Olha, agora. Não pode..

— Posso. — Nate debruçou-se e Jim viu bem os seus olhos cinzentos, frios e calmos que o levaram a estremecer na cadeira. — Jim, ouve o que te digo. Não quero que tu ou o Bill andem à zaragata n' A Estalagem. Nem em mais lado nenhum, mas por enquanto, vamos centrar as atenções n' A Estalagem. Há um rapazinho que passa a maior parte do dia lá.

— Raios partam, a Rose leva sempre o Jesse para a cozinha quando há confusão. Eu e o Bill, nunca faríamos nada que magoasse o putto. Só somos, sabe, uns espalha-brasas.

— Vão ter de arrefecer essas brasas quando vierem à vila.

— Cem dólares?

— Podem pagar à Peach nas próximas vinte e quatro horas. Se não o fizerem, dobro a quantia por cada dia que se atrasarem no pagamento. Se não quiserem pagar a multa, podem passar os três próximos dias aqui nestas belas instalações.

— Nós pagamos. — Resmungou ele, mudando de posição, a suspirar. — Mas, por amor de Deus. *A Cavalgada Heróica*.

— Pessoalmente, gosto mais de *Rio Bravo*.

Jim abriu a boca e voltou a fechá-la. Era óbvio que ponderava as consequências. — É um filme bom à brava, — disse passados instantes, — mas não é nenhum *Rio Vermelho*.

Se as saídas motivadas por distúrbios fossem a norma, Nate achava que era bem capaz de ter tomado a decisão certa ao ir para Lunacy. As lutas de irmãos eram talvez o que mais o ocupava por esses dias.

Não fora à procura de desafios.

Os irmãos Mackie não representaram nenhum. A sua conversa com Bill correra mais ou menos como a conversa com Jim, apesar de Bill ter discutido de forma mais exacerbada, e com um engenho especial, defendendo a *Cavalgada Heróica*. Não parecera tão perturbado por ter sido esmurrado na face como ao ouvir denegrirem o seu filme favorito.

Peter espreitou à porta. — Comandante? Charlene quer que vá até lá, almoçar por conta da casa.

— Agradeço, mas tenho de me preparar para a reunião. — E não havia ignorado o brilho no olhar de Charlene, ao vê-lo carregar Jim Mackie. — Gostava que desse seguimento ao ocorrido, Peter. Vá até lá, elabore uma lista dos estragos e um orçamento do arranjo para Charlene. Certifique-se de que os Mackie vêm pagar a multa dentro de quarenta e oito horas.

— Fique descansado. Tratou de tudo à maneira, Comandante.

— Não havia muito a tratar. Vou escrever um relatório. Quero que o reveja, que acrescente alguma coisa que ache necessário.

Olhou em redor ao ouvir o ruído de uma janela a estremecer. — Teramoto? Vulcão? Guerra nuclear?

— Castor, — informou Peter.

— Mesmo estando no Alasca, não podem existir castores com tamanho suficiente para fazerem um barulho destes.

Com uma gargalhada de satisfação, Peter gesticulou para a janela. — O avião de Meg Galloway. É um Castor. Traz mantimentos.

Girando sobre si mesmo, Nate conseguiu ver o avião vermelho, que mais parecia do tamanho de um brinquedo. Lembrando-se de que voara num com mais ou menos as mesmas dimensões, sentiu aquela subtil contracção no estômago e voltou-se para a frente.

Grato pela distração, premiu o botão do intercomunicador assim que o ouviu tocar. — Sim, Peach.

— Uns miúdos a atirar bolas de gelo às janelas da escola. Partiram uma antes de fugirem.

— Temos identificação?

— Temos, pois. Dos três.

Pensou por momentos, analisando as prioridades. — Veja se o Otto pode lá ir.

Voltou o olhar para Pete. — Alguma pergunta?

— Não. Não, senhor. — Depois sorriu. — É bom trabalhar, só isso.

— Sim. Trabalhar é bom.

Manteve-se ocupado a trabalhar, até ser altura de sair para a reunião. Essencialmente, eram tarefas administrativas e organizacionais, mas ajudaram Nate a sentir que criava o seu lugar.

Pelo tempo que durasse, o espaço era seu.

Assinara contrato por um ano, mas tanto ele quanto a assembleia municipal tinham um período de adaptação de sessenta dias, podendo qualquer um dos lados rescindir.

Dava-lhe segurança saber que podia ir embora no dia seguinte, se

assim quisesse. Ou na semana seguinte. Se *estivesse* ali ao fim de dois meses, saberia se ia ficar até ao fim do contrato.

Optou por ir a pé até à Câmara Municipal. Dava um ar preguiçoso, conduzir uma distância tão curta.

O céu estava limpo, de um azul profundo em contraste com a massa branca de montanhas, como se tivesse sido recortado com uma faca fina e afiada. As temperaturas atingiam valores inumanos, mas viu algumas crianças saírem a correr da Loja da Esquina, com tabletes de chocolate nas mãos, como fazem todas as crianças, a correr porta fora com doces na mão. Plenas de gula e antecipação.

Assim que correram pelo passeio abaixo, um par de mãos surgiu a mudar o letreiro de *Aberto* para *Fechado*.

Agora viam-se mais carros e carrinhas estacionados na rua, e outros que chegavam pela estrada coberta de neve.

Tudo levava a crer que ia haver casa cheia na reunião municipal.

Sentiu um ligeiro aperto no estômago, que reconhecia daquela disciplina sobre oratória em público na faculdade. Um erro hediondo como opcional. Vivendo e aprendendo.

Gostava bastante de conversar. Se lhe dessem um suspeito para interrogar, uma testemunha para entrevistar, não havia problema — ou assim era, em tempos idos. Mas, e se lhe pedissem que chegasse diante de uma audiência qualquer, para debitar um discurso com frases coerentes? Pelas suas costas abaixo já escorria uma gota de suor do fracasso.

Só tens de o fazer, ordenava-se. Passa a próxima hora e nunca mais terás de o fazer. Provavelmente.

Entrou, para o calor e o rumor das vozes. Uma quantidade de gente estava no hall de entrada, dominado pelo maior peixe que Nate alguma vez vira. Ficou tão abismado que fixou nele a sua atenção, perguntando-se se não seria, talvez, uma espécie de baleia pequena e mutante — e como é que alguém tinha conseguido apanhá-lo e, mais ainda, o havia colocado na parede.

A distração permitiu-lhe não se preocupar demasiado com a quantidade de pessoas a olhar na sua direcção, e nas que já se encontravam dentro da sala de reuniões, sentadas em cadeiras desdobráveis, de frente para um palco e um púlpito.

— Salmão-rei, — disse Hopp atrás dele.

Ele continuava a olhar para o enorme peixe prateado que ostentava as guelras pretas numa espécie de esgar. — *Isto é um salmão?* Eu já comi salmão. Já experimentei nos restaurantes. São deste tamanho. — Estendeu os braços para medir.

— Não comeu salmão-rei do Alasca, de certeza. Mas verdade seja

dita, este aqui é um grandessíssimo filho da mãe. Chegou aqui com quarenta e dois quilos e cinquenta e sete gramas. Não bateu o recorde do Estado, mas é um troféu e tanto.

— O que é que ele usou? Um empilhador?

Ela soltou a gargalhada que imitava a sirene de um farol, dando-lhe uma palmada alegre no ombro. — Você pesca?

— Não.

— Nada?

— Não tenho nada contra, mas nunca pesquei. — Nessa altura virou-se, erguendo as sobrancelhas num ápice. Ela aprumara-se num fato executivo de aspecto fantástico, aos quadradinhos pretos e brancos. Trazia pérolas nas orelhas e uma camada lustrosa de batom vermelho nos lábios.

— Você está... impressionante, Presidente.

— Impressionante é um pau-brasil com duzentos anos.

— Bom, ia dizer que está atraente, mas achei que não era apropriado.

Ela abriu o sorriso. — Você é um rapaz inteligente, Ignatious.

— Nem por isso. Nada de especial.

— Se eu posso ser atraente, você pode ser esperto. Está tudo na apresentação. Agora, porque é que não damos início ao espectáculo, eu posso apresentá-lo aos membros da assembleia-geral. Depois, fazemos os nossos pequenos discursos. — Ela pegou-lhe no braço da forma que uma mulher faria ao conduzir um homem pela multidão, numa festa de *cocktail*. — Ouvi dizer que tratou bem dos irmãos Mackie.

— Tiveram um pequeno desentendimento por causa dos *westerns*.

— Eu também gosto muito dos filmes do Clint Eastwood. Os mais antigos. Ed Woolcott, vem cá conhecer o novo Comandante da polícia.

Foi apresentado a Woolcott, um homem de aspecto rude na casa dos cinquenta, que apertou de forma cordial a mão de Nate. O seu cabelo era cinzento e farto, penteado para trás, revelando o rosto enrugado. Uma pequena cicatriz branca atravessava a sua sobrancelha esquerda.

— Sou o gerente do banco, — disse a Nate, o que explicava o fato azul-marinho e a gravata presa com um alfinete. — Espero que abra uma conta connosco muito em breve.

— Tenho de tratar disso.

— Não estamos aqui para fazer negócio, Ed. Deixa-me acabar de apresentar Ignatious.

Conheceu Deb e Harry Miner, que geriam a Loja da Esquina, Alan B. Royce, o juiz reformado, Walter Notti, pai de Peter, corredor e criador de cães de trenó — todos estavam na assembleia-geral da cidade.

— Ken Darby, o nosso médico, vai conhecê-lo assim que puder.

— Não faz mal. Vai levar um tempo, se continuarmos a fazer tudo de seguida.

Depois apareceu Bess Mackie — uma estaca de cabelo cor de hena forte, que se plantou diante dele, de braços cruzados sobre o peito magro, a fungar.

— Prendeu hoje os meus rapazes?

— Sim, senhora, pode-se dizer que sim.

Ela fungou novamente com força pelas narinas magras, e acenou por duas vezes. — Ótimo. Da próxima vez, bata-lhes com a cabeça uma na outra, para me poupar a mais trabalhos.

Tendo em conta as circunstâncias, tratava-se de umas boas-vindas calorosas, concluiu Nate ao vê-la procurar uma cadeira.

Hopp guiou-o para o palco, onde haviam sido dispostas cadeiras para ela e Nate, e para Woolcott, que era o adjunto da Presidente.

— Deb vai dar início aos trabalhos com assuntos, avisos e outras questões relacionadas com a cidade, — explicou Hopp. — Depois Ed fala e apresenta-me. Eu falo e apresento-o. Depois, fala você, e damos por encerrada a reunião. É capaz de haver algumas perguntas, aqui ou ali.

Nate sentiu o estômago às voltas. — Ok.

Ela indicou-lhe uma cadeira, sentou-se noutra e acenou para Deb Miner.

Deb, uma mulher robusta de rosto bonito e emoldurado pelo cabelo louro crispado, subiu para o palco e tomou o lugar no púlpito.

O microfone apitava, rouco, enquanto ela o ajustava, e o seu pigarrear foi audível por toda a sala. — Boa-tarde, amigos. Antes de irmos directos ao principal motivo da nossa reunião, tenho alguns avisos a fazer. A festa de passagem de ano n' A Estalagem vai ter início cerca das nove horas. A música ao vivo vai ser providenciada pelos *The Caribous*. Vamos passar o chapéu para contribuições, por isso, não se acanhem. A escola vai organizar uma noite de esparguete de sexta a oito, em que os lucros revertem para a compra de um equipamento para a equipa de hóquei. Temos boas hipóteses de chegar a campeões regionais, por isso temos de lhes dar um equipamento de que nos possamos orgulhar. Começam a servir às cinco. O jantar inclui o prato, salada, um pão e refrigerante. Os adultos pagam seis dólares, as crianças dos seis aos doze, quatro dólares. Com menos de seis anos é grátis.

Dali, começou a explicar os pormenores de uma futura noite de cinema que se ia realizar na Câmara Municipal. Nate ouvia, algo desatento, tentando não ficar obcecado com o momento em que agarraria ele no microfone.

Foi nessa altura que a viu entrar.

A parca vermelha, e algo na forma como se movia dizia-lhe que olhava para a mesma mulher que vira da janela, na noite anterior. Trazia o capuz para trás e um gorro preto que lhe cobria o cabelo.

Um cabelo negro, liso e farto.

O seu rosto parecia bastante pálido no meio de tantas cores fortes, as maçãs do rosto muito altas na moldura negra. Mesmo na outra ponta da sala, conseguia ver que os seus olhos eram azuis. Um azul brilhante e glacial.

Ao ombro, transportava uma mochila de lona e envergava umas calças largas e masculinas, que acabavam numas botas pretas bem vinçadas.

Aqueles olhos azuis gelados apontaram de imediato para ele, fixos, enquanto caminhava pela coxia central formada pelas cadeiras desmontáveis, dirigindo-se a uma delas, ao lado de um homem de constituição forte, que parecia ser nativo.

Não falaram, mas algo dizia a Nate que havia — se não intimidade física — pelo menos um entendimento. Ela despiu a parca, enquanto Deb passava da noite de cinema para os avisos sobre o próximo jogo de hóquei.

Por baixo da parca, trazia uma camisola verde-azeitona. Por baixo da camisola, se a perspicácia era um dos fortes de Nate, um corpo pequenino, resistente e atlético.

Ele procurava decidir se a achava bonita. Não devia ser — tinha as sobrancelhas demasiado rectas, o nariz algo curvo, a boca grande.

Mas enquanto elaborava uma lista mental dos defeitos, algo se agitava no seu estômago. *Interessante*, foi a única coisa que lhe aflorou à mente. Estivera longe de mulheres nos últimos meses, o que, dado o seu estado de espírito, não fora uma provação por aí além. Mas aquela mulher de aspecto frio voltara a aguçar-lhe os sentidos.

Ela abriu a mochila e tirou um saco castanho. E para divertimento de Nate, mergulhou a mão lá dentro, que emergiu com um molho de pipocas. Começou a mastigá-las, oferecendo algumas ao companheiro do lado, enquanto Deb terminava os avisos.

Ed subiu ao púlpito, tecendo os seus comentários sobre a assembleia municipal e os progressos que haviam alcançado, ao mesmo tempo que a recém-chegada tirava um termo da mochila e servia o que parecia café puro para uma caneca.

Quem raio seria ela? Filha de um nativo? As idades sugeriam isso mesmo, mas não conseguia vislumbrar qualquer semelhança de parentes-co.

Ela não corou nem pestanejou, ao ver que ele a fitava, mas continuou a mordiscar o petisco, a beber o café e a devolver o olhar.

Ao apresentarem Hopp, ouviram-se aplausos. Com esforço, Nate obrigou-se a centrar as atenções de novo no que estava a acontecer.

— Não vou perder tempo com politiquices. Decidimos pela integração da nossa vila, porque queremos cuidar dos nossos na tradição deste grandioso Estado. Votámos a favor da construção de uma esquadra de polícia, da criação de uma força policial. Fizemos debates intensos, muitas palavras acaloradas foram trocadas de ambos os lados e também houve muito bom senso de todas as partes envolvidas. No essencial, votámos para trazer um homem do Exterior, um homem com experiência e sem ligações a Lunacy. Para que fosse justo, inteligente, para que aplicasse a lei sem preconceitos e com igualdade. Provou isso mesmo, ao algemar Jim Mackie por causar tumultos com o irmão n' A Estalagem.

Ouviram-se alguns risos como reacção ao comentário, e os irmãos Mackie, de rostos maltratados, sorriram dos seus lugares.

— Também nos multou, — gritou Jim.

— O que perfaz duzentos dólares para os cofres do Estado. Se continuarem assim, vão pagar sozinhos o novo carro de bombeiros de que precisamos. Ignatious Burke veio de Baltimore, Maryland, onde serviu onze anos na Divisão de Polícia de Baltimore, oito dos quais como detective. Temos a sorte de ter alguém com as habilitações do Comandante Burke a cuidar de todos nós, *Lunáticos*. Por isso, peço uma salva de palmas e dêem as boas-vindas ao nosso novo Comandante da polícia.

Ao mesmo tempo, Nate pensava: *Oh, merda*, levantando-se. Avançou para o púlpito, a mente em branco como um quadro por escrever. E da multidão, alguém gritou — *Cheechako*.

Ouviram-se murmúrios, sussurros e um tumulto de vozes acesas pela discussão. A irritação que o trespassava colocou os nervos em segundo plano.

— É isso mesmo. Sou *Cheechako*. Um Forasteiro. Acabadinho de chegar dos *Lower 48*.

Os murmúrios silenciaram-se e ele perscrutou a multidão.

— Quase tudo o que sei sobre o Alasca li num guia ou tirei da internet ou dos filmes. Não sei muito mais sobre esta vila, excepto que está um frio danado, que os irmãos Mackie gostam de andar à pancada e que têm uma paisagem capaz de parar o coração de um homem no peito. Mas sei ser bom polícia, e é por isso que aqui estou.

Dantes sabia, pensava ele. Dantes sabia como. E as palmas das mãos começaram a humedecer.

La atrapalhar-se — tomava agora consciência — e depois o seu olhar encontrou aqueles olhos azuis glaciares da mulher de vermelho. Os lábios

dela curvaram-se, só um pouco, e os seus olhos fixaram os dele enquanto levava a caneca prateada aos lábios.

Ele ouvia-se falar. Talvez o fizesse apenas para ela. — O meu trabalho é proteger e servir esta vila, e é isso que vou fazer. Talvez se ressintam comigo, que venho do Exterior e vos digo o que não podem fazer, mas todos temos de nos habituar à situação. Vou dar o meu melhor. São vocês que vão decidir se isso é suficiente. Só isso.

Houve uma ameaça de aplauso que depois cresceu. Nate tomou consciência do olhar cativo novamente na mulher de olhos azuis. Sentiu um nó no estômago, que abrandava e apertava novamente ao ver aquela boca de lábio superior grosso curvar num dos lados, num sorriso breve e estranho.

Ouviu Hopp encerrar a sessão. Várias pessoas avançaram para falar com ele, e acabou por a perder na multidão. Quando a voltou a ver, só conseguiu vislumbrar a parca vermelha a dirigir-se para a porta das traseiras.

— Quem era aquela? — Inclinou-se para trás até conseguir tocar o braço de Hopp. — A mulher que chegou atrasada — parca vermelha, cabelo preto, olhos azuis.

— Deve ser Meg. Meg Galloway. Filha de Charlene.

Ela quisera olhar bem para ele, mais ao pormenor do que vira na véspera, quando ele ficara a contemplar pela janela, um herói pensativo e amargo de um qualquer romance gótico.

Possuía os dotes físicos necessários para o papel, concluiu, mas de perto parecia mais triste do que amargo.

Era uma pena. Amargo fazia mais o seu estilo.

Ela reconhecia que ele se havia safado bem. Engolira o insulto — do idiota do Bing — dissera ao que vinha e depois de um certo embaraço, seguira em frente.

Uma vez que tinham de ter uma força policial a meter o nariz em Lunacy, podia ser bem pior. Para ela não importava, desde que não se metessem na sua vida.

Desde que chegara à cidade, decidira ir tratar de alguns assuntos e encher a despensa.

Na Loja da Esquina, viu o letreiro *Fechado*, e soltou um enorme suspiro. Pegou no molho de chaves que trazia na mala. Encontrou uma chave que dizia CS e entrou à vontade.

Agarrando em duas caixas, avançou pelo corredor. Cereais em grão, massa, ovos, enlatados, papel higiénico, farinha, açúcar. Largou uma caixa em cima do balcão e encheu a segunda.

Estava a braços com uma saca de vinte quilos de *Dog Chow* quando a porta se abriu, e Nate entrou.

— Está fechado, — gritou Meg para a rua, enquanto pousava a saca no chão, encostada ao balcão.

— Estou a ver.

— Se já viu que está fechado, o que é que está aqui a fazer?

— Tem graça. Era isso que lhe ia perguntar.

— Preciso de umas coisas. — Deu a volta por trás do balcão, pegou nalgumas caixas de munições e juntou ao lote.

— Foi o que imaginei, mas normalmente quando as pessoas tiram alguma coisa de uma loja fechada, chama-se a isso roubar.

— Já ouvi dizer. — Debaixo do balcão, agarrou num grande livro de registo, e começou a folheá-lo. — Aposto que nos *Lower 48*, prendem as pessoas por causa disso.

— Pois prendem. A toda a hora.

— Pretende implementar essa norma aqui em Lunacy?

— Sim. A toda a hora.

Ela soltou uma gargalhada breve — como nevoeiro para o farol de Hopp —, procurou uma caneta e começou a escrever no livro. — Bom, deixe-me despachar o que vim fazer, e depois já me pode prender. Hoje já são três detenções para si. Só pode ser um recorde.

Ele debruçou-se no balcão, reparando que ela anotava uma lista detalhada de todos os artigos das duas caixas. — Seria uma perda de tempo.

— Sim, mas isso é o que não nos falta por aqui. Bolas, esqueci-me do *Murphy's*. Importa-se? Abrilhantador de madeiras *Murphy's*, está logo ali.

— Claro. — Avançou, analisando o conteúdo das prateleiras e escolhendo um frasco. — Vi-a ontem à noite, pela janela.

Ela anotou o *Murphy's*. — Eu também o vi!

— É piloto do mato.

— Sou muitas coisas. — Ergueu o olhar para ele. — Essa é só uma delas.

— O que mais faz?

— Um verdadeiro polícia da cidade como você devia conseguir descobrir bem depressa.

— Já sei algumas coisas. Costuma cozinhar. Tem um cão. Talvez até dois de raça grande. Preza o seu espaço. É honesta, pelo menos quando isso lhe dá jeito. Gosta do café puro e de muita manteiga nas pipocas.

— Nem uma beliscadela. — Bateu com a caneta no livro. — Quer beliscar um pouco mais, Comandante Burke?

Era directa, pensava ele. Não mencionara isso. Logo, seria directo também. — Estou a pensar.

Ela sorriu da mesma forma que sorrira no salão, com o canto direito da boca a curvar antes do esquerdo. — Charlene já o acolheu?

— Perdão?

— Gostava de saber se a Charlene já lhe deu a provar o prato especial de boas-vindas a Lunacy, a noite passada.

Ele não tinha a certeza o que o irritava mais, se a pergunta ou a postura serena com que ela o observava ao fazê-la. — Não.

— Não faz o seu género?

— Nem por isso, não. E não me sinto muito à vontade a falar dessa forma da sua mãe.

— É um homem sensível? Não se preocupe. Toda a gente sabe que a Charlene gosta de dar umas cambalhotas com todos os homens jeitosos que aqui aparecem. Na verdade, costumo não me aproximar dos restos dela. Mas analisando melhor a situação, por agora, talvez lhe dê alguma hipótese.

Fechou o livro e voltou a guardá-lo no sítio. — Não me quer ajudar a levar isto para a carrinha?

— Claro. Mas pensava que tinha trazido o avião.

— E trouxe. Eu e um amigo trocámos de meio de transporte.

— Ok. — Colocou a saca de comida para cão em cima do ombro.

Ela tinha lá fora uma carrinha *pickup* vermelha robusta, com material de campismo camuflado, botas de neve e algumas latas de gasolina já colocadas na parte de trás. Na cabine, viu um suporte para uma arma, ocupado por uma caçadeira e uma espingarda.

— Costuma caçar? — Perguntou ele.

— Depende da caça. — Fechou a caixa da carrinha com um estrondo e sorriu para ele. — Que raio é que está aqui a fazer, Comandante Burke?

— Nate. E quando descobrir, digo-lhe.

— É justo. Talvez nos encontremos na Passagem de Ano. Veremos se socializamos.

Ela subiu para a carrinha e deu à chave. Os *Aerosmith* gritavam acerca da canção e dança de sempre, enquanto ela avançava pela rua. Dirigia-se para oeste, onde o Sol já caía atrás dos picos, dando-lhes uma tonalidade dourada flamejante, ao passo que a luz se tornava mais suave com o crepúsculo.

Eram três e quinze da tarde.

4.

Entrada de diário — 14 de Fevereiro de 1988

Está um frio do caraças. Não falamos sobre isso, senão damos em doidos, mas posso escrever sobre isso aqui. Um dia, poderei olhar para trás — tal-